

Bruno de Menezes era o folclore

Vicente Salles

Heitor Villa-Lobos, certa feita, saiu-se com a *boutade*: “O folclore sou eu!”. Era, como pode ser qualquer vivente ilustre que viva intensamente, como qualquer anônimo portador de folclore, a cultura do seu povo.

Em Belém do Grão-Pará o poeta Bruno de Menezes também podia dizer: “O folclore sou eu!”. Não disse. Lembra, porém, sua filha Maria de Belém: num mês de junho, o sociólogo Edison Carneiro se hospedou na casa do poeta e, sendo convidado a dar umas voltas para conhecer a cidade, ficou surpreso quando Bruno vestiu a camisa estampada da quadrilha: “Mas você vai sair com essa blusa?”, perguntou. E Bruno não só saiu, como dançou a quadrilha sob a graça pitoresca das “marcações” jocosamente afrancesadas. Era o próprio folclore.

Minha memória é toda Bruno de Menezes portador de folclore. Quando adolescente, morei na rua Santarém, na Cidade Velha. Era tempo difícil, 13 anos, menino chegado do interior. Duas pessoas, então, marcaram minha entrada na vida de adulto, precocemente iniciada na necessidade de trabalhar: o sapateiro Dagoberto Lima, “seu Lima”, que me levou à utopia socialista, emprestando-me livros e jornais comunistas que lia avidamente, de um lado; o poeta Bruno de Menezes, nosso quase vizinho, que me levou aos subúrbios a ver batuques, pássaros e bumbás, doutro lado. Os dois tinham muito em comum, o sapateiro e o poeta, mas agiam de modo diferente: o sapateiro me “intellectualizava”; o poeta me ensinava o ofício de observador de vida popular.

Em junho de 1954, já talado, com alguma experiência da vida, Bruno de Menezes colocou-me em contato com Edison Carneiro, escritor e folclorista baiano, exatamente naquela ocasião recordada por Maria de Belém e decidi transportar-me para o Rio de Janeiro, embarcando num “Ita” — como fala a velha canção — em agosto. Por índole, talvez por temperamento, convivi na juventude com os mais velhos: Bruno, Rodrigues Pinagé, Jacques Flores, Tó Teixeira, Angelus, Romeu Mariz, Georzenor Franco, às vezes Machado Coelho, Santana Marques, Margarida Schiwaazzappa, os irmãos Nobre, tanta gente.

Bruno de Menezes foi sempre um dos mais fraternos. Trocamos correspondência e mutuamente nos socorremos algumas vezes. De longe, vi brotar sua

obra de folclorista que só deslanchou mesmo depois de 1954, isto é, depois do decisivo encontro com Edison Carneiro.

Lembro o episódio porque a presença de Edison Carneiro em Belém, em 1954, teve essa múltipla influência: em mim, que era jovem e nos mais velhos, entre os quais o próprio Bruno de Menezes. Bruno, por exemplo, refez e ampliou a tese “A Evolução do Boi-Bumbá Como Forma de Teatro Popular”, escrita em 1951 e mandada ao I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, por intermédio de seu representante em Belém, o professor José Coutinho de Oliveira por delegação de Renato Almeida, presidente da Comissão Nacional de Folclore do IBICC, patrocinadora daquele evento. Da tese: “Boi-Bumbá”, auto popular, 1958.

Bruno de Menezes, por toda a vivência que possuía de suas andanças belenenses, tornou-se certamente a mais autorizada fonte de informação da cultura popular paraense, a quem muitos recorriam com frequência. Além da obra publicada em livro — apenas os dois agora reunidos: *Boi-Bumbá e São Benedito da Praia* —, produziu dezenas de artigos sobre danças folclóricas, origem dos pássaros, os cheiros, as quadrilhas, o bloqueio do mapará e o pequeno ensaio sobre alimentação escrito em 1963 especialmente para a *Antologia da Alimentação no Brasil*, organizada por Luís da Câmara Cascudo, e que trata da cozinha amazônica.

Este trabalho não poderia faltar à edição conjunta da obra do folclorista pela recomendação de seu amigo potiguar, Luís da Câmara Cascudo: “Este estudo, um dos últimos do grande folclorista paraense, é de valor inestimável em sua justa extensão de registro fiel e completo”.

O reconhecimento público de Luís da Câmara Cascudo vale por título de doutor *honoris causa*, que não lhe foi outorgado jamais, mas que poucos o mereciam tanto, admirável autodidata, filho da negra Maria Balbina da Conceição Menezes, Mãe Balbina, ligada às tradições folclóricas, principalmente do povo africano e do operário Dionísio Cavalcante, mestre pedreiro, que o deixou órfão pequeno.

Tão explícito reconhecimento do mérito de pesquisador é reafirmado com a inclusão do nome de Bruno de Menezes na terceira edição do Dicionário

do Folclore Brasileiro, verbete que transcrevo, *data venia*:

“Bruno de Menezes. Bento Bruno de Menezes Costa nasceu em Jurunas, bairro da cidade de Belém, Pará, a 21 de março de 1893, e faleceu em Manaus, Amazonas, a 2 de julho de 1963. Estava participando de um festival folclórico e dando um curso de cooperativismo no Banco de Crédito da Amazônia, do qual era técnico. Aposentara-se em 1956 como diretor do Departamento de Cooperativismo da Secretaria da Agricultura do Pará, onde prestara serviços relevantes na difusão e organização do serviço em que se especializara. Fora uma das mais vivas e legítimas expressões da cultura popular no extremo-norte brasileiro. Sabia de todas as manifestações do espírito popular. Informador sempre idôneo, documento oral imediato, simpatia comunicante, colaboração afetuosa para os consulentes incontáveis. Poeta magnífico, jornalista, ensaísta, expositor admirável, era o Embaixador do Pará, com as credenciais da cultura, sinceridade, emoção. O romance *Candunga*, 1954, recebeu o prêmio “Estado do Pará”. Os poemas *Batuque* viram a 5.ª edição em 1966. *Onze Sonetos* conquistaram o prêmio “Cidade de São Jorge de Ilhéus”, em 1960. Parte preciosa de sua produção está esparsa em jornais e revistas, documentário original, nítido e verdadeiro. Para o 3.º volume da *História da Alimentação no Brasil*, escreveu interessantíssima pesquisa sobre “A Cozinha no Extremo-Norte”. Dois volumes divulgaram indagações pessoais, com repercussão e louvor: *Boi-Bumbá*. Auto popular. Belém, Pará, 1958 (letra e música). *São Benedito da Praia*, folclore do Ver-o-Peso. Belém, 1959.”

Os organizadores desta edição da obra de Bruno de Menezes decidiram incluir, neste volume, alguns trabalhos esparsos do folclorista, textos selecionados por sua filha Maria de Belém. Muito oportunamente, ressurgem textos que adicionam sabedoria e comprovam o que disse o mestre potiguar da produção esparsa em jornais e revistas: “documentário original, nítido e verdadeiro”. Entre estes, a peça “O Guará do Lago Encantado”, auto junino com 24 números de música para canto e três para bailado, especialmente composto por Tó Teixeira; Aspectos folclóricos do Pará e mitos da região Amazônica, textos publicados em “A Gazeta de São Paulo”, suplemento “Folclore” dirigido por Rossini Tavares de Lima; e, ainda, aulas ministradas no Curso de Folclore promovido pelo Senac-Belém, outubro de 1957

e pela Academia Paraense de Letras, em 1963; folclore junino — Quadrilha Brasileira — 1963.

Para os eventuais interessados, indico outros textos avulsos:

— Balão de São João, “A Província do Pará”, Belém, 2.7.1961.

— Bloqueio do Mapará, “O Jornal”, Rio de Janeiro, 30, 20.3.1955, revista: 2.

— Dísticos em pára-choques de veículos, “Folha do Norte”, Belém, 1.5.1960.

— No Reino do Cheiro-Cheiroso, “A Província do Pará”, 17.3.1963, 2 cad. v8.

— Outros mitos da Amazônia, “A Gazeta”, S. Paulo, 12.3.1960; II, 19.3.1960; III, 25.3.1960, suppl. Folclore.

— Pastora Perdida, “A Província do Pará”, 25.12.1960.

— O Pau d’Arco do Jurunas, “A Província do Pará”, 25.10.1959.

— Reminiscência da Boiúna, “Folha do Norte”, 15.2.1959.

— Tamoios, Jurunas e a Quadrilha Breviense, “A Província do Pará”, Belém, 7.8.1960.

— Véspera do Círio do Moleque da Jaqueira, “A Província do Pará”, Tel Belém, 11.10.1959, suppl. lit. 2.

Essa “parte preciosa” de sua produção encontra-se devidamente arquivada e classificada na Biblioteca Amadeu Amaral, no Instituto Nacional do Folclore, Rio de Janeiro, com outros textos de entrevistas e crônicas.

Os eventuais interessados poderão também dirigir-se ao magnífico livro de poemas *Batuque*, no volume gêmeo. Nele, Bruno de Menezes faz a colagem de motivos do folclore. Adiciona-se a isso, o registro das melodias que ele guardou na memória e que sua filha Maria Lenora grafou, além das ilustrações de Raymundo Vianna, nele incluídas desde a terceira edição. Doze melodias estão registradas, o que aumenta o valor dos documentos coletados e reproduzidos pelo poeta.

É por isso que Bruno de Menezes podia dizer e repetir, com Heitor Villa-Lobos: “O Folclore sou eu!”.

Não se surpreenda, porém, o leitor. Além de poeta e folclorista, Bruno de Menezes foi jornalista, fino e perspicaz cronista. Produziu em 1937 um ensaio aparentemente de crítica ou “estudo literário”, *A Margem do “Cuia Pitinga”*, a propósito do livro de

poemas humorísticos de Jacques Flores (Luís Teixeira Gomes), publicado no ano anterior no Rio de Janeiro (Adersen-Editores).

Este ensaio se encaixa aqui mesmo. Ajusta-se aos “estudos de folclore”: é que nele Bruno de Menezes não se limitou aos poemas do grande boêmio, companheiro de festas e de farras, Jacques Flores, que, mediante o humor, reabilitava o otimismo e a esperança de melhores dias do intelectual paraense; ele

teceu, na verdade, vasto painel, contando das lutas e vicissitudes do escritor pobre no Norte e da questão não resolvida da publicação de suas lavras.

O ensaio traz, como prefácio, Carta de Dalcídio Jurandir, outro vigoroso protesto.

Por vezes o Folclore imita a Arte e/ou a Literatura: é um Protesto.

* *Prefácio de Obras Completas Bruno de Menezes. Folclore — Coleção Lendo o Pará. Secult. 1993.*

